

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV LISBOA, 5 DE JANEIRO DE 1920 N.º 85

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1440 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 470 ANO 3400
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO || REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA || EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O TURISMO EM PORTUGAL

E A SUA EXPLORAÇÃO

No ultimo numero d'esta Revista inserimos uma carta do nosso obsequioso correspondente em Roma, na qual se acha descripta a recente creação, em Italia, d'uma instituição official, cujo fim é, por assim dizer, orientar o desenvolvimento da industria do turismo n'aquelle risonho Paiz, dando cohesão a todos os ramos vitaes que para isso exerçam a necessaria influencia.

Foi, pois, com o mais sentido agrado que lêmos essa noticia, simplesmente pelo facto de vir confirmar o que tantas vezes temos repetido nas columnas d'esta Revista.

Essa confirmação (desculpe-se-nos a imodestia) dá um excepcional valor ás nossas palavras; e tanto maior ele é, quanto é certo que esse facto não é de origem portugueza, mas sim, do governo d'um paiz onde, além de se tomar a sério e no seu verdadeiro sentido a administração dos interesses nacionaes, se tem na devida conta o real valor das coisas.

Se fosse em Portugal que essa salutar medida fosse tomada, dir-se-hia que o tinha sido por sugestão directa ou indirecta da nossa parte, o que não menos nos agradaria.

Foi, porém, o governo italiano que assim decretou, e para isso não se inspirou, certamente, nas nossas insistentes indicações.

Salientando este facto, apenas temos em mira mostrar a auctoridade que nos assiste na apreciação das diversas questões sobre turismo; e o nosso modo de vêr não pôde encontrar maior aprovação do que no procedimento que adotam as nações estrangeiras interessadas na industria das viagens.

O significado a tirar, pois, d'aquella resolução do governo d'Italia, é que, n'esse paiz, foi inteligente e devidamente reconhecido o altissimo e apreciavel valor do turismo, como um dos principaes factores para o restabelecimento do equilibrio do seu commercio e das suas variadissimas industrias e consequentemente da sua situação economica.

E assim comprehendida essa portentosa base de prosperidade da nação, sugeriu logo a ideia de dar uma determinada homogeneidade aos serviços directamente dependentes do turismo, submetendo-os a uma tutela superior, de forma a conjugarem-se naturalmente e a produzirem, por uma harmonica acção, os mais uteis e proveitosos resultados.

Isto é que é racional e a unica solução que se impõe a quem tenha a responsabilidade de legislar sobre turismo e perceba de tão complexo como delicado assumpto.

Infelizmente em Portugal, a quasi totalidade das pessoas não comprehende assim; algumas havendo, até, que presumindo-se conhecedoras de todas as questões nos seus mais delicados aspectos, fazem, todavia, com os orgãos mais elementares do turismo, uma lamentavel confusão. D'ahi, o achar-se a industria das viagens em o nosso paiz no mesmo estado de ha quatro annos — para não profundarmos mais a nossa apreciação.

Não se pode porém dizer, em boa verdade, que é por falta de sugestões da nossa parte. Percorrendo-se as colleções dos quatro annos d'esta Revista, n'uma grande maioria dos nossos artigos se encontra bem claramente exposta a

necessidade de se sujeitar a industria do turismo em Portugal á direcção superior d'uma entidade suficientemente idonea e autonoma, com os poderes precisos para agir livre e rapidamente; e n'esse ponto insistiremos até que vejamos realisada essa nossa ideia, por ser baseada em factos concretos, e, assim, a unica consistente.

Emquanto as relações entre os diversos ramos que proporcionam e facilitam a exploração da industria do turismo continuarem na mesma desastrosa situação, não ha meio de conseguir qualquer coisa proveitosa. Pelo contrario; o que se poderia aproveitar já, nem mesmo depois — se um dia se pensar a valer no turismo em Portugal — poderá servir, porque n'este periodo de transição criam-se, sob a pomposa classificação de direitos adquiridos, vicios tanto mais incorrigiveis quanto mais perniciosos são, até para os proprios que os exploram e que com eles se julgam beneficiados.

Se é tempo ainda — e crêmos que de todo não está já perdida a oportunidade, trate-se sem demora de se imitar o que se fez lá fóra, visto que aqui nada de original se consegue pôr em prática e tudo é copiado.

Se assim succeder é possivel que ainda possamos ganhar o perdido, e a nossa insistencia terá a compensação que d'ahi imediatamente resulta para a causa que esforçadamente defendemos — e é quanto basta para que fiquemos tranquilos.

Isso, porém, não impede que reinvidiquemos a primazia na sugestão d'essa ideia, para que a outros não possam caber os loiros da nossa victoria.

Não temos pretensões; mas respeitamos muito a maxima que ensina que — a Cezar o que é de Cezar.

José LISBOA

A CIDADE DE EVORA

RESUMO HISTORICO E DESCRIPTIVO

COMPLETAMOS hoje a descripção iniciada em o nosso numero de 20 de Novembro ultimo, sobre os motivos importantes que se encerram adentro dos muros da historica cidade de Evora, para assim darmos um relato, tanto quanto possivel aproximado, do que é essa valorosa joia de Portugal.

Não desejando, porém, alongar demasiadamente esta noticia, limitamos a citar os seus motivos d'apreço pelo que de historico ou artistico eles acusem.

Assim mencionaremos os principaes palacios ali existentes e que são:

Palacio dos Condes de Soure

Situado na rua Ocidental de Diana. Tem dois lindos portaes de cantaria de granito que são dignos de vêr-se.

Palacio dos Condes de Vimioso

Deve vêr-se o seu portal que é muito lindo e importante.

Palacio dos Morgados Cordovis

Situado na rua da Mesquita. Deve vêr-se com atenção um torreão ameado com arcadas de marmore estilo manoelino.

Este palacio, em estilo renascença, de um só pavimento superior, tinha do lado do passeio, um terraço que assentava sobre arcaria em estilo arabe.

Egreja de S. Francisco

Faz parte do extinto convento de S. Francisco.

E' de uma só nave e tem seis capelas. A do Santissimo que é no cruzeiro, tem lindas obras de talha.

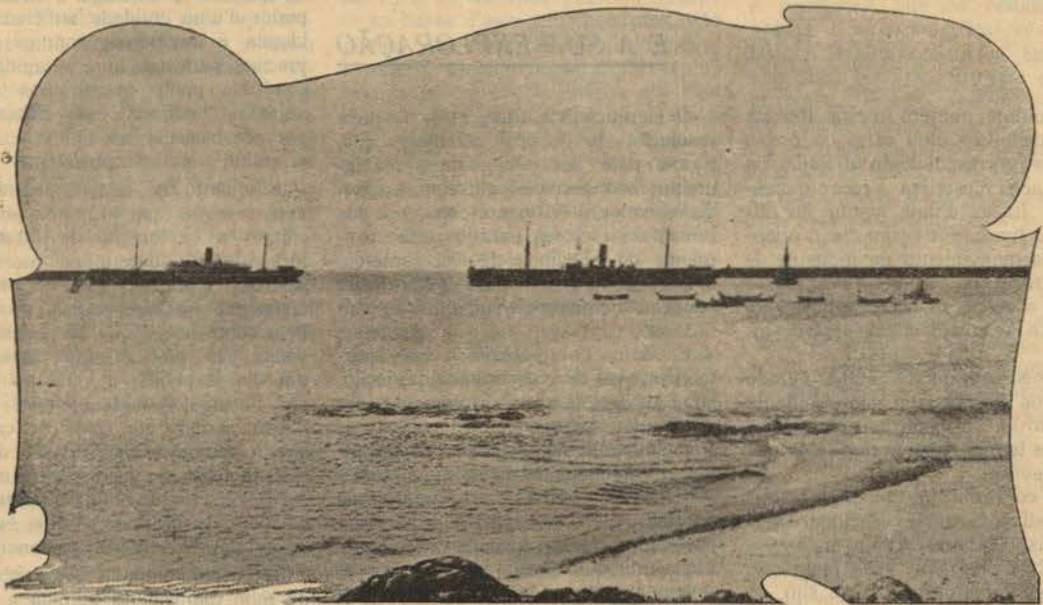
O tecto da capela-mór tem desenhos lindissimos.

A construção representa um verdadeiro e admiravel trabalho pelo arrojado da grande largura da abobada.

E' em estilo romano ogival.

Ha tambem na capela-mór varios jazigos importantes.

O eixo da igreja é um pouco in-



LEIXÕES - O porto

O Palacio Barahona

São dignos de atenção n'este palacio, não só pela beleza mas pela riqueza tambem: o salão de baile com as suas ricas pinturas e o seu lustre monstro; o salão das Belas Artes, onde ha quadros e estatuas de grande valor; e o salão de recepção.

Na fachada do lado do jardim encontra-se tambem um portal em marmore branco.

Palacio dos Condes de Murça

Situado na rua Serpa Pinto.

Palacio dos Mesquitas

Situado na Praça de D. Pedro; ambos de pouco valor artistico.

Passeio Publico

Este passeio foi mandado fazer no anno de 1863 e está situado á entrada da cidade.

No extremo da rua central ha um busto em bronze, assente em pedra, representativo de Cinatti, que projectou e dirigiu a construção do jardim.

E' um lindo parque com lagos e uma pequena mata; encontrando-se ali, entre outros elementos de ornamentação, umas ruinas fingidas, devidas ao mesmo autor, constando de uma torre com janelas e porticos mutilados, etc.

Neste passeio achava-se o Palacio D. Manoel, ha pouco devorado por um incendio, e que era destinado a casa de espectaculos e café.

clinado. Este desvio foi adotado pelos arquitetos do seculo XIII para representarem o desvio da cabeça de Cristo quando morreu.

A' esquerda da capela-mór encontra-se a entrada para uma capela anexa, denominada a Capela dos Ossos, pela originalidade de ter todas as suas paredes e colunas revestidas de caveiras, tibias, humeros, etc.

E' n'esta igreja que está sepultado o grande Gil Vicente.

Egreja de Santo Antão

E' um templo muito antigo e maggestoso na praça do Geraldo.

A sua arquitetura é pesada mas muito importante.

E' todo formado de abobadas, uma

das quaes caíu no ano 1568, tendo sido mandada reconstruir pelo cardeal Infante.

No altar-mór ha uma escultura do seculo XIII muito notavel representando os apóstolos sentados, conversando.

A capela do Rosario, toda em mármore, deve tambem ser visitada.

Mosteiro de Santa Clara

Está situado na rua Serpa Pinto. Foi fundado no anno 1452.

E' um edificio enorme tendo tambem uma linda cêrca.

Tem varias capelas onde se veem belos azulejos, pinturas, telas importantes, etc.

Possuia paramentos riquissimos, tendo a maior parte d'elles figurado na Exposição de Arte Ornamental Hespanhola e Portuguesa no ano 1881.

Hoje este mosteiro está adaptado a quartel d'infantaria.

Cemiterio

Perto da antiga porta de Alconchel vê-se o extinto convento dos Carmelitas, que na sua fachada tem o braço do Arcebispo D. José de Mello.

Na cêrca do convento é hoje o cemiterio.

A entrada ha um portal de mármore, estilo renascença, que é lindissimo.

Teatro Garcia de Rezende

Pode considerar-se este teatro como sendo um dos primeiros do paiz.

Tem pinturas bastante notaveis. Foi mandado construir pela casa Barahona e oferecido á cidade de Evora.

Mosteiro do Calvario

Está situado na rua da Lagôa. Foi fundado por D. Maria, filha de D. Manoel.

E' muito importante pelos seus azulejos.



Extramuros da cidade póde o forasteiro visitar o seguinte:

Egreja de S. Braz

Situada no Rocio proximo da estação dos caminhos de ferro.

E' um dos raros exemplares do estilo gotico normando existentes em Portugal.

Foi construida no ano 1482, por ocasião da peste que n'essa epoca grassava na cidade.

E' muito interessante e não deve deixar de se lhe fazer uma visita.

Praça de touros

Nada tem de notavel como construção, sendo no entanto bonita e merecendo a pena vêr-se principalmente por ocasião das touradas que se realisam na época da grande feira de S. João.

Azilo Barahona

Este azilo foi mandado edificar pelo Dr. Barahona, a quem a cidade deve a maior parte dos seus melhoramentos, afim de ahi serem recolhidos velhos e velhas impossibilitados de trabalhar.

Está muito bem montado.

Convento da Cartucha

Foi fundado no ano de 1587.

Tem uma frontaria linda e belos marmores, azulejos, imagens, quadros, etc., que merecem toda a atenção.

Proximo d'este convento se encontra o maior dos arcos do aqueducto mandado construir por D. João III e que é denominado

Aqueducto Sertoriano

Este aqueducto, que data de epocas remotas, foi em grande parte restaurado no tempo de D. João III, sendo d'esta epoca o artistico arco proximo do Convento da Cartucha.

Tem uma extensão de 19 km. aproximadamente desde a sua origem na freguezia de Nossa Senhora da Graça e a sua parte principal em arcaria é compreendida entre o alto de S. Bento e a cidade.

Recebe muitas nascentes no seu trajecto e abastece varios chafarizes na cidade entre os quaes se destaca pelo seu valor o que está situado na Praça do Geraldo que possui oito carrancas em bronze correspondentes ás oito ruas que ali vão desembocar.

Querendo o turista apreciar os extensos panoramas da região, aconselhamos que suba ao Alto dos Moinhos de S. Bento, a curta distancia da cidade e onde é facil o acesso indo de trem até ao convento.

A paisagem é deslumbrante pela sua vastidão e pelos contrastes de aspecto; de um lado, o acidentado do terreno, coberto pelos vastos sobreiraes e azinhaes; do outro a planicie imensamente extensa em que a vista vae morrer no esbatido das serras longiquas.

D'aqui se avista Extremoz, Evora-Monte, Redondo etc., e aos pés do monte, a cidade com as suas torres e casaria alvejante cercada pelas suas quintas, pomares e olivaeas.

Além d'este passeio, tem tambem o excursionista varias quintas de recreio

que pode visitar entre as quaes citaremos:

Quinta da Manisola

Pertence ao Visconde da Esperança e é um primor assim como o palacio de sua residencia, de aspecto acastelado.

Na sua casa tem duas salas destinadas: uma a museu, onde se vê uma coleção importante de armas portateis, e a outra é a biblioteca onde se encontram livros preciosos e pergaminhos com iluminuras de grande valor.

Encontra-se ali tambem grande quantidade de moedas antigas, joias arqueologicas e muitas outras preciosidades dignas de atenção.

Quinta da Malageira

Creação recente devida ao esmerado gosto e dedicada direcção do seu proprietario o Conde da Ervideira.

E' digna de ser visitada, pela sua extensão, e pela arte com que ali se procurou aproveitar e dispor as belezas naturaes.

Ainda outros passeios e quintas se tomam dignos de ser visitados como: a Quinta do Espinheiro e convento, propriedade do Dr. Alves Branco, em cuja tapada ha uma pequena capela onde jaz Garcia de Rezende; a Quinta de S. Pedro, propriedade de D. Francisca Torres Cordovil; a Quinta de Pai Cão, propriedade de Antonio Coelho Vilas Bôas, etc.



Para se visitar esta historica Cidade, toma-se o vapor do Barreiro, na estação do Terreiro do Paço, e ali o comboio do Sul, que dá transbordo em Casa Branca.

Em Evora ha diversos hotéis entre eles o Eborense, Chiado e Central.

Ha na Cidade, Largo de S. Francisco, a sede de carruagens de aluguer, para se visitar os arredores que são d'um pitoresco muito original.

E' esta uma das mais interessantes visitas para o forasteiro, principalmente estrangeiro, que se entusiasma sempre por tudo quanto represente um ponto do passado.





CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

MEUS MUITO QUERIDOS:

Avontade nem sempre é soberana; o Destino impera mais sobre a nossa vida. Por isso lá diz o dictado: *o homem põe e Deus dispõe*. Assim, fui obrigado a suspender a descrição

sito para gozar todas as imanações da Natureza e uma boa parte da sua grandiosidade. Só n'esse ridente torrão da Terra Portuguesa encontraria facil comodo para o meu espirito.

Para lá fui, e lá cheguei, sempre sonhando — sonhos transparentes...



LEÇA DE PALMEIRA - O Jardim

que lhes vinha fazendo, a qual procurarei reatar com os apontamentos que coligi.

Comprometi-me, na minha ultima carta a contar-lhes o caminho que tomei quando abandonei os jardins do Palacio de Crystal, por essa doce tarde de imensos atractivos, entre os quaes o fagueiro Asto-Rei tomava uma muito importante parte.

Aqui estou, pois, a proseguir n'esse relato.

□□□□

Logo que transpuz o limiar dos portões d'aquela historico recinto, tomei um carro electrico que me levou até á beira do rio; ahi trasbordei para outro que se destinava a Mattozinhos. Foi para ahi que me encaminhei.

Não podia escolher melhor propo-

sêmpre idealisando — ideaes plenas de phantasia, de utopia...

Cahi em mim, quando o conductor annunciou o termo da minha viagem. Estavamos em Mattozinhos.

Parei um pouco, como que reanimando-me para a vida real, e consagrei-me então, a apreciar o que á minha vista se apresentava como o mais propicio aos encantamentos exigidos pelo desmedido egoismo do meu espirito.

Sentia-me bem, physicamente. Espiritualmente, faltava-me... o que quer que fosse.

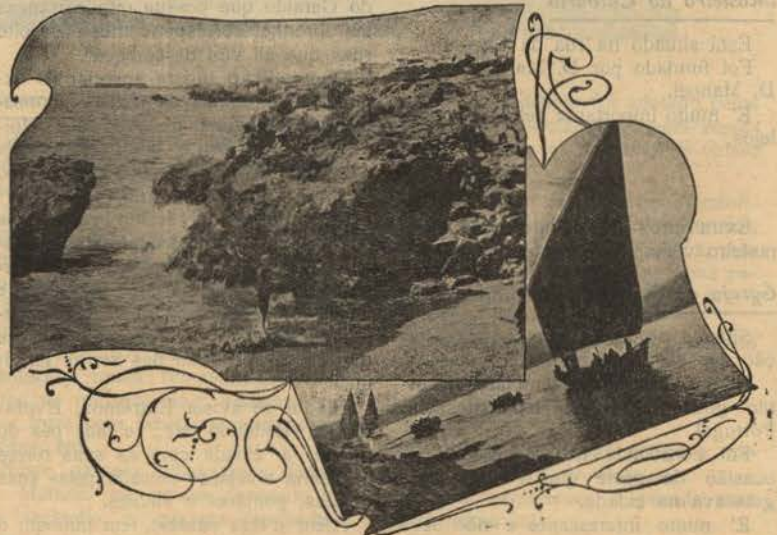
Adeante.

Passada esta primeira impressão, puz-me a contemplar o verdadeira-mente existente. Apeteceu-me um cicerone para completar mais a minha distração.

Procurei-o e não tardou que o encontrasse. Era um velho simpatico, mesmo insinuante. A sua rude physionomia tinha o ar agradavel d'uma velhice respeitavel. Agradou-me o tipo. Fômos então conversando sobre, principalmente, a sua vida, os factos mais notaveis passados durante os seus longos sessenta annos, as coisas da terra, etc.

Em resumo para aqui traslado parte da narrativa com que o bom-homem me entreteve; depois de me lembrar o Passeio Alegre, a Avenida de Carreiros, as praias—lembrança que diria propositada para me avivar recordações... — mas longe d'ele tal ideia.

Depois proseguiu—«aqui é Mattozinhos, que tambem os naturaes chamam de Bouças, um dos arrabaldes mais bonitos do Porto. Além, está a Egreja do Senhor de Mattozinhos, onde todos os annos ha uma importante romaria.



FOZ DO DOURO - I Rochedos - II - Vista de frente perto da Foz do Douro

— Aqui ha muita devoção, meu senhor — ia arringando o meu interessante e erudito cicerone. E acrescentou:

«A fé é que nos salva; o que seria d'esses que todos os dias se arriscam ás bravuras do mar, se não fosse a confiança no nosso Padreiro?!

— Tem razão — lhe disse: os nossos destinos estão sujeitos á vontade superior do Creator, a quem devemos agradecer sempre o livrar-nos do mal.

Estas minhas palavras calaram fundo no animo do amavel velhote, que passou a tratar-me com uma especial veneração.

Deu-me a ideia da conjugação de duas dispersas, almas, felizes por se encontrarem, riosas por se confortarem mutuamente.

Continuando o nosso agradável passeio, entrámos na alameda da ponte de pedra, que liga Mattozinhos com Leça da Palmeira. Analisei o simples monumento erguido á memoria de Manoel da Silva Passos, que ficou conhecido por «Passos Manoel».

domingos de verão veem passear muitas pessoas do Porto — elucidou o bom-velhote. E continuou: — acolá, n'aquelas margens, — apontando para as sonhadoras margens do Leça — tem havido muita distração. Rapazes e raparigas veem para alli, aos domingos, com farneis e guitarras; tocam, dançam e cantam — emfim, espalham por

de largada. Muitos e pequenos botes e canoas singravam na espelhada agua, impelidos pela força mascula dos seus tripulantes. E aos lados, como guardas d'esse original abrigo marítimo, os molossos graníticos estendiam-se inertes, oferecendo a sua forte resistencia ás furias dos banhos de Neptuno.



LEIXÕES — Interior do porto



MATOSINHOS — Egreja

Creio que toda a gente sabe que esse homem foi um dos grandes estadistas de Portugal, depois que os celebres 7.000 bravos do Mindello desembarcaram na historica praia dos Ladrões.

— Que ironia da sorte...

Atravessámos para Leça — a antiga *Letes*, segundo alguns chronicistas, ou *Celando*, conforme a maior sciencia de outros. — «E' aqui que nos aprazíveis

lá a alegria da mocidade.

— O meu senhor já viu o Porto de Leixões? — inquiriu o homensinho. — Já — lhe respondi; mas aproximemo-nos, porque me sabe bem gosalo de perto.

Estava, então, interessante, a bacia artificial de Leixões, n'esse esplendoroso dia. Dois grandes vapores n'ella estacionavam, em demanda da hora

Eram horas de descansar um pouco e de tomar uma leve refeição, para entreter a debilidade. Convidei para isso o meu bom companheiro, que depois d'uma engraçada recusa, acabou por aceitar.

Durante a nossa parca refeição, pude apreciar a boa intenção e as boas qualidades d'esse agradável velhinho, não tanto na idade como no seu aspecto physico; mas a sua tempera de fino aço transparecia no interessante cavaco com que me entreteve um bom quarto de hora.

Como me tinha alongado já no passeio, dispuz-me a retirar, na intenção de voltar a apreciar a excelente companhia do bom-velhote. Assim convidei-o a um novo *rendez-vous*, a que ele não se fez rogado. Esse encontro teve lugar dois dias depois para proseguirmos no nosso belo passeio, cuja descripção farei na minha proxima carta.

Abraça-os o

MARIO DE MONTALVÃO

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

ARTE E LITERATURA

O LUME

DE EÇA DE QUEIROZ

Agora, de inverno, no campo, as noites são asperas e hostis. Toda a natureza está impassível e entorpecida, esperando a fermentação violenta das seivas. As arvores erguem os braços nus, miseráveis e supplicantes. E as águas, que no outono estavam quietas e palidas, e que em maio faziam claras murmurações, tão melancolicas como o ritmo d'um idílio latino, teem agora vozes vingativas e más. O vento é rouco e lento como um canto catholico d'offícios: as chuvas caem de cima, como escarneos triumphantes e ruidosos.

As vezes vem a lua — não aquella immaculada lua côr d'opala, d'onde se exala um nevoeiro magnetico que faz a alma dôcemente doente, mas uma lua metálica, fria e livida, como a face dos corpos finados, nas legendas catholicas.

Então, o homem sente a sua pequenina e inutil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio roto n'uma calmaria, e vae, por instincto, dar-se á intimidade consoladora da lareira, das brazas e do fogo. E, enquanto a força vital se dissolve n'uma somnolencia fluida, elle sente aos seus pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe falla como n'um extase profano:

«Sou eu — diz a voz — eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus mysterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que ha em ti de grande e de justo — a familia e o trabalho. A minha historia é triste, luminosa e terrivel, immunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da India, o consolador e o purificador; eu fui o Moloch das religiões da velha Africa, ensanguentado e tragico; e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as machinas.

«Sempre escondido e silencioso, ocupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho todo jovial e radioso quando tu me chamas, e fico, nas tuas horas negras de dôr e de miseria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na India, lembras-te? durante as noites primitivas, eu fui o bem Agui que te alumiaava, que espantava os chacaes e as onças, e protegia, como um templo, os teus amores religiosos e simples. Escondia-me nas pedras, e nos paus secos: assim, para onde tu fosses, ou solitario ou em bando, encontravas-me sempre aos teus pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu creaste a trindade humana da familia.

Era ao pé de mim que tu descancavas dos teus barbaros trabalhos, no principio, quando a vasta natureza te combatia. E eu era o amigo unico, o aliado radioso. E eu tive a confidencia dos teus primeiros beijos. E eu sabia as tuas dôres e os teus mêdos.

«Por ti tenho feito o mal. Fui eu que matei Giordano Bruno, João Huss, tantos santos e tantos martyres, e tantos alucinados de Deus! Fui eu que queimei, nas cidades mysteriosas de Africa, as creanças e as virgens no altar de Moloch.

«Por ti, eu que sou a paz, fui a devastação. Estou fatigado. Durante os tempos tenho sido o camarada, o amigo, o servo, o vigia, o cão, o confidente, o pão, o calor, a vida! Não queiras que eu seja o carrasco! Podia ir contigo, insensivelmente — lareira, se era o teu amor que me assoprava, incendio, se era a tua colera — no tempo em que eras uma força inconsciente e fatal. Mas hoje és uma consciencia. Contigo só me aliarei para ser fé, consolação e paz. Sendo paz e fé, é que eu te tenho consolado das servidões dolorosas.

«No tempo das cathedraes, quando tu nada tinhas, nem o amor, nem o pão livre, nem a voz, nem o somno, nem a esperanza, eu dei-te o que mais agrada ao escravo — o direito de mandar. Em volta de mim, a familia ajoelhava á tua voz, rezava ao teu olhar, erguia a hostia do amor ao teu coração. Eras servo e tinhas estas grandezas: era eu que t'as dava. Como? Pela fé, pela paz, pela consolação, pela união. Para ti, eu tenho representado a essencia humana. Eu tenho advogado a causa da vida.

«A minha irradiação lenta e amorosa dissipou o mysticismo. Eu sou o bem. A familia, o trabalho, a educação, esta trindade mysteriosa da vida, tudo está em mim. Toda a felicidade humana canta, ama, ora, no circulo da minha luz. Tudo para além é sombra — sombra na parede, e sombra na alma. Procura o ideal na religião, na conquista, na arte; de balde! Trabalhas, adoececes, morres, apodreces; vida inutil! Os unicos momentos verdadeiros e são foram aqueles em que estiveste ao pé de mim, olhando castamente a mulher, ensinando a lêr a creança. Então realizaste o ideal, o symbolo

— Deus, que as religiões esboçam e as criticas dissipam.

«Lembras-te da India?

«Ali tinhas uma cabana, a tua mulher, branca e mais doce que a lã dos novillos, e o filho encarnação mysterioso do amor das almas, e a minha doce presença. Trabalhavas, aquecias-te, amavas, dormias. A alma vivia em ti no estado de presentimento.

«Depois d'isso, tens tido uma vida legendaria de luctas, de creações, de religiões, de conquistas, de descobertas, de ideias.

«O que augmentaste em ti? Nada: apenas a tristeza, o desfalecimento, a dôr e o mal.

«Eras puro e são: estás morbido e enfraquecido. Eras forte: estás rachitico. Eras sereno: estás torturado. O teu bom riso é uma triste ironia: o teu largo olhar é uma aspera desconfiança.

«Tinhas por inimiga a natureza. Venceste-la? Não. Absorveste-la. E tudo o que ella tinha de terrivel e de doloroso, tudo hoje tu tens: a independencia desesperada do mar, o mysterio doentio da floresta, o chôro afflicto das águas, a inquietação do vento, a barbaridade das feras, a escuridão supersticiosa dos astros, tudo hoje está em ti, com surdas irritações, com rebeliões formidaveis. Ahi está. De cada vez que te apartaste de mim, do socêgo do meu calor, voltaste trazendo uma chaga.

«Fôste crear o mysticismo: vieste com a nostalgia incuravel. Quizeste crear os Direitos do Homem: trouxeste um mal divino chamado Liberdade, que vae sempre fugindo de ti, e só ás vezes se volta de repente para te borrihar de sangue! Quizeste ir construir a adoração do corpo e da materia exclusiva: trouxeste o elemento dissolvente da força e o egoismo brutal. Não tens dado um passo de mais para o bem. As tuas obras ahi estão immensas, acumuladas, contraditorias e inuteis. Tens uma complicação infinita de azas que te impede o vôo.

«A mim, abandonaste-me.

«Eu não me apaguei. Durante as revoluções e as luctas, andei errante, miseravel, sobrecarregado d'infamias, e, para viver, vendendo-me ao carrasco!

«Mas conservei sempre a minha chama, casta e familiar, para o dia em que quizeses vir, tristemente, enxugar-te ao meu calor do sangue dos teus irmãos.

«Vem para junto de mim. Eu sou completo. Correspondo a todos os teus instinctos luminosos, ou sagrados, ou materiaes, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza, dou-te as visões que são a poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade somnolenta que exhala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a força que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, intelligente e boa, do mal natural. Eu alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, eu, pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres e a tua alma vae partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu cerco Christo nos altares para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama.

«E o que fazes tu em paga d'este amor que se dá, que cria e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das machinas. A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. Embalo que era amor, movimento que é força: os dois termos da tua vida — pureza e putrefacção! Eu que vivia, alumiaava, creava em liberdade, estou encadeado e martyrisado na miseria. Nas fabricas, as creaturas doentias, as creanças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes são as minhas victimas. Sou o colaborador dos martyres que lhes infliges. Tu, homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por ajudante de execuções! Dás-me por salario a infancia. Fazes de mim explosão. Obrigas-me a desvistar na guerra!

«Eu sou a pureza, o trabalho, a familia, a paixão casta: levas-me a ser o mal, a viuvez, o pranto e a dôr! Tenho um cortejo d'ambulancias e de macas, eu que era o firmamento dos berços! Não! Maldita seja a arvore que consentir em ser força, e o fogo que consentir em ser explosão!

«Não quero que na minha vegetação de luz haja um orvalho de sangue. Não quero que o vento, ao embalar-me, faça soltar os gritos e os choros que se tivessem aninhado em mim. Tu, homem, sê piedoso e justo. Eu alumio o mais que posso as igrejas, mas parece-me que tu não vês bem a Christo. Não, deixa-me ser a pureza, a graça, a familia, a intimidade casta e o bem. Peço-t'o, rojando-me como um mendigo. Ah! homem, oh! meu velho camarada das choupanas da India! não me faças ser explosão, morte e devastação, para que eu no dia de pureza e de castidade, quando estiver alumiaando e aquecendo os beijos, as orações e os berços — não sinta entre as minhas chammias bailarem espectros!»

SERVIÇOS FERROVIARIOS INTERNACIONAES

UMA IMPORTANTE QUESTÃO

VAMOS hoje ocupar-nos da importante questão das ligações internacionais, n'este momento de transcendente interesse.

Ha mezes já que esperamos pela realisação do projectado comboio directo desde Lisboa, a entroncar em Medina com os rapidos do Norte de Hespanha, proporcionando assim uma facil e comoda ligação com o centro da Europa.

Parece que as dificuldades levantadas tem sido bastantes para evitar o estabelecimento d'esse comboio, embora não se comprehenda bem (ou se comprehenda de mais) a razão da sua origem.

O caso é simples. Com a realisação d'esse comboio, as ligações de Lisboa com Paris—embora não satisficam as exigencias do trafego internacional, por ser esse um comboio de luxo e, portanto, de menor acessibilidade—ficam, todavia, mais rapidamente asseguradas.

Entretanto os passageiros de 1.^a e 2.^a classes (que são sempre em numero de merecerem atenção) não são beneficiados, ficando nas mesmas condições anteriores.

No sentido Paris-Lisboa, devido á excelente ligação da Beira Alta, com o directo do Porto-Lisboa, em Pampilhosa, pode fazer-se a viagem em duas noites e dois dias; emquanto que no sentido Lisboa-Paris são precisas trez noites, o que representa um sacrificio enorme para quem tem que fazer tal viagem.

Por isso muita gente prefere a viagem por Madrid, apezar d'ela ser mais longa em 222 kilometros e custar mais algumas dezenas de escudos!

Eis a razão d'uma das grandes dificuldades levantadas á execução do projectado comboio.

Como, porém, só nos deve interessar o que nos diga respeito, torna-se necessario o restabelecimento do antigo rapido, que em tempos partia de Lisboa ás 8 e 30, tendo em Pampilhosa uma excelente ligação para Villar Formoso e Norte de Hespanha; e que o rapido de Madrid circule diariamente, com uma marcha relativa á sua classificação.

Actualmente este comboio—limitado a uma carruagem-leito com 16 lugares e a uma de 1.^a classe com 26 assentos, ou seja ao todo 42 lu-

gares, não pode, em boa verdade, servir capazmente o publico.

Queixa-se a Companhia de Madrid-Caceres de que não lhe é possivel meter no seu comboio, que dá correspondencia ao de Lisboa, uma maior composição, pelo motivo do mau estado da respectiva linha, agora agravado pelas poucas reparações que se fizeram durante a guerra.

Mas isso não quiere dizer que não possa elevar um pouco o já tão reduzido numero de lugares oferecidos ao publico.

Antes da guerra o rapido Lisboa-Madrid, era composto de uma carruagem de luxo igual á que agora circula, e duas mixtas de 1.^a e 2.^a classe, pesando tudo 110 toneladas, que se elevavam a cerca de 125 com o furgão das bagagens.

Hoje, esse pezo está reduzido a cerca de 80 toneladas, o que é uma sensivel diferença para o pezo do antigo comboio.

Porque não hão de as duas companhias interessadas no trafego Lisboa-Madrid chegar a acôrdo para, em vez da pessima carruagem de 1.^a classe que circula n'esse comboio, meter em sua substituição uma das grandes, de 1.^a classe, da Companhia Portugueza, da serie de *Bogies*, com 55 logares?

D'este modo elevar-se-hia a lotação d'esse comboio a 71 passageiros, e o seu pezo morto não ultrapassaria 100 toneladas, o que, certamente, não será demasiado para o mau estado da linha hespanhola.

E' pois, preciso, atender-se a este ponto capital. E uma vez isso feito, podiam as companhias interessadas assentar em dar origem a esse comboio, como antigamente, na estação de Atocha, para que o serviço em Madrid se faça com menos fadiga para o publico, e as ligações com Barcelona sejam perfeitas, especialmente quando no proximo verão se restabelecer o antigo comboio rapido diurno Madrid-Barcelona.

Antes da guerra tambem do mesmo comboio ia uma carruagem para a estação do Principe Pio para ligar aos rapidos n.^{os} 9 e 10 do Norte de Hespanha; mas essa ligação hoje é dispensavel, se atendermos a que, quem vae para Paris, por Madrid, sempre fica alguns dias n'esta capi-

tal; e os que utilizam a viagem directa, preferem a via Salamanca-Medina, por ser a mais comoda, uma vez restabelecido um serviço rapido por ali.

No percurso hespanhol o comboio projectado tem hoje a mesma marcha de antes da guerra, sendo pois preciso que na nossa ele o faça tambem, o que não será difficil, atenta a sua pequena composição.

E' cêdo para sabermos o que as companhias pensam fazer para a proxima primavera, quando os viajantes sul-americanos começarem a invadir a Europa. No emtanto podemos afirmar que tudo o que se faça a menos do comboio rapido de Madrid, com maior lotação e com serviço diario, e o rapido do Porto, com seguimento para Salamanca, tambem diariamente, é um erro muito prejudicial para o turismo.

Depois, tendo o rapido de Madrid, actualmente exgotado a sua composição oito dias antes, e sendo a maioria dos passageiros obrigados a viajar nos comboios ordinarios, parece-nos que a solução é a que aqui acabamos de indicar, e que está no animo de toda a gente.

G. M.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Tendo terminado, com o nosso anterior n.^o 84, um periodo de assignatura, lembramos aos assignantes da REVISTA DE TURISMO o serviço que prestariam á mesma Revista, enviando para a sua Administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70).

Procedendo d'esta forma, os assignantes da REVISTA DE TURISMO praticam um acto de patriotismo, pois evitando á mesma Revista as enormes despezas que acarreta a cobrança pelo correio, beneficiam a sua manutenção, que é merecedora de todo o auxilio, por ser a unica publicação que, no genero, se faz em Portugal.



Touring-Club de França

UM facto importante na vida turística da França e do mais alto relevo para o Touring Club, acaba de dar-se com a resignação das funções, de Presidente d'esse Club, do illustre senhor A. Ballif e da sua substituição, n'esse elevadíssimo cargo, pelo senhor Henry Defert.

Estes dois nomes são assaz conhecidos em todo o mundo de turismo para que o nosso modesto panegirico os possa elevar mais no conceito de nacionaes e estrangeiros.

De Monsieur A. Ballif dirémos — e isso nos parece o suficiente, após tantas glorias de que tem sido alvo — que foi o prestimoso e a todos os titulos distincto presidente do Touring Club durante o periodo da calamitosa guerra europea; conseguindo, pela sua criteriosa e incançavel acção, crear para esse Club a situação de merecido destaque que ele atingiu pela sua prestante, oportuna e immediata colaboração humanitaria e patriótica junto dos heroicos soldados que nos horribéis trincheiras do front estiveram defendendo o sólo sagrado da patria.

M. Ballif teve, porem, a felicidade de encontrar junto de si, não só os concursos que se lhe impunham pela força da sua grande autoridade moral, mas tambem a dedicação e os extremos sollicitos do não menos devotado vice-presidente do mesmo Club, sr. Henry Defert, cujo nome se elevou igualmente á culminancia d'uma merecida distincção pela sua inexcédível obra em prol da grande cruzada do patriotismo francez.

Apresentando d'aqui os nossos cumprimentos de despedida ao illustre ancião Monsieur Ballif, endereçamos igualmente as nossas saudações ao novo Presidente do Touring-Club, Monsieur Henry Defert, que, certamente, durante o tempo em que presidir aos destinos d'aquella importante agremiação de turismo de França, não deixará de significar por Portugal a mesma distincção e sympathia que lhe foram tributadas pelo velho Presidente Ballif.

Conferencia sobre turismo

Proseguindo nas suas demonstrações sobre o alto valor economico do turismo, o sr. Léon Auscher, um dos mais devotados propagandistas do turismo e membro do Touring-Club realiso, com o precioso concurso das Federações de Provença, da Côte d'Azur e de Corse, uma interessante série de conferencias em Marselha, Cannes e Nice. O acohimto que lhe foi prestado em toda a parte e a atenção que foi dispensada pelas assistencias, que acorreram ás suas atraentes conferencias, prova bem o entusiasmo que alimenta toda a França pelo desenvolvimento da portentosa industria de turismo, de que a opinião publica, já sufficientemente inteirada do importantissimo papel que ela desempenha como factor economico de primeira grandeza, espera o mais rapido e pratico resurgimento da França n'um muito proximo futuro.

Numa referencia que foi feita a esse facto, diz o boletim do Touring Club:

«Saibamos extrahir todo o possível proveito da beleza do nosso paiz, e não desfa-

«leçamos na execução d'esta idéa, que quanto «melhor soubermos receber os turistas, mais «eles nos visitarão e nos deixarão o seu precioso ouro. Assim dominaremos a crise do «cambio, que nenhum outro melhor remedio «pode encontrar».

A reconstituição das florestas

UMA das questões que mais interesse desperta presentemente nos circulos de turismo, é a reconstituição das florestas francezas, o seu repovoamento e o melhoramento das existentes, principalmente no que respeita aos caminhos que lhe dão acesso, afim de serem facilmente aproveitados os seus beneficios em passeios de repouso e em excursões de recreio, por todas as formas de locomoção terrestre e especialmente por velocipedistas e pedestrianistas.

Pensa-se agora em pôr em pratica a resolução tomada pelo Congresso Florestal internacional, que organizado pelo Touring-Club se realiso em 1913, a qual consiste em, por todos os meios possiveis, se proporcionar o acesso a essas florestas, melhorando-se os seus meios de comunicação quer para peões quer para ciclistas, reservando-se-lhes caminhos especiaes e desembaraçando os seus melhores pontos de vista, de forma a serem apreciados em toda a sua periphéria. A mesma resolução determina que sejam construidos uns bancos de repouso para os passeiantes, assim como abrigos em tipo rustico, para que eles possam ter um mais comodo descanso.

Esses melhoramentos vão ser um facto dentro de pouco tempo, visto ter sido creada pelo Ministerio da Agricultura uma secção especial, na respectiva Direcção, a qual tem unicamente por fim a iniciativa dos melhoramentos campestres e florestaes, compreendendo, tambem, todas as questões que tenham intima ligação com o turismo.

A exploração dos bosques e florestas apresenta para França um capital superior de belezas, uma fonte de surpresas e emoções que constituem atractivos de grande valor. Por isso não nos devemos admirar do cuidado e dos carinhos que aquella nação dispensa a essa verdadeira riqueza, que não só ali deve ser verdadeiramente considerada, mas em todos os paizes onde ela pode com facilidade ser explorada no seu duplo fim.

Torna-se, porem, indispensavel para isso dar-lhes facéis meios de acesso principalmente por estradas largas e de corte artistico, envolvendo os grandes macissos, para que eles possam ser bem apreciados e utilizados. Indispensavel é, tambem, que a sua conservação seja esmerada e ofereça o conjunto d'encantos que se busca sempre n'essas seductoras manifestações da natureza.

E' tal o interesse que esta questão tem merecido á Direcção do Touring-Club, que esta associação está disposta a secundar a obra governamental favorecendo-a com o seu concurso financeiro e com as idéas que se lhe sugerirem para que os bosques e florestas da França sejam mais um motivo de agrado e de atracção dos estrangeiros que a visitem e uma base para o desenvolvimento do turismo.

Para finalizar esta noticia, citamos a apre-

ciação que sobre o assumpto foi sugerida a uma importante Revista e que é a seguinte.

«Se é incontestavel que o turismo é um «dos principaes factores da reconstituição «economica do paiz, a floresta franceza, tornada mais acessivel e mais hospitaleira, «será para a nação inteira uma verdadeira «mina d'ouro.»

Licenciados americanos

Chegou-nos ás mãos uma muito curiosa estatística acerca da estada, nos principaes centros organizados em França para repouso dos soldados americanos, d'aquelles aos quaes foi imposto esse regimen.

Ela acusa os seguintes dados bem interessantes: Assim, esses centros foram: Caunterets, Bagnères, Luchon, Eaux-Bonnes, Aixles-Bains, Pau, Annecy, Chamonix, Grenoble, Uriage, Allevard, Vals, Lamalou, Nice, Cannes, Menton, Biarritz, Dinard, Saint-Malo, La Bourboule, le Mont-Dore, Mont S. Michel e Chambéry, e n'elles estiveram nada menos de 1.163.000 soldados americanos, com uma permanencia media de quatro dias; calculando-se, grosso-modo, que em algumas d'essas estancias a despeza feita por cada um foi de, em media, 500 francos.

Mas um outro ponto importante foi a propaganda por elles feita, que nada tendo custado á França, foi ainda beneficiar a suas receitas. Uma das regiões mais favorecidas com essa incomparavel propaganda, foi a de Vals, d'onde foram expedidos para a America mais de dois milhões de postaes illustrados e um sem numero de recordações d'aquella vila e de Vivarais.

Alem d'isso, os guias illustrados, as brochuras elucidativas sobre as diferentes regiões, as fotografias e panoramas, bem como os mais variados artigos de propaganda exgotaram-se em successivas edições, pois todas foram poucas para transmitir ás familias distantes as lembranças dos entes que na França estavam cumprindo o seu dever.

D'esta maneira, a grande nação franceza, não dependendo um simples «sou», antes recolhendo importantes somas, obteve a maior e mais segura propaganda, completada com as descrições verbaes dos soldados yankees, de volta aos seus lares.

Viver não custa; saber viver é tudo.

Vantagens concedidas aos turistas estrangeiros

Para os turistas estrangeiros que se dirijam n'este momento, de todos os pontos do mundo, á França, o departamento nacional do turismo acaba de constituir uma companhia geral de turismo, na qual estão incluídas as agencias de viagens, as companhias de caminhos de ferro e de navegação, assim como os hoteis francezes, balnearios e transportes automoveis. For seu lado, o Banco de França estabeleceu um cheque de viagem de titulos de cem, quinhentos e mil francos, que os turistas estrangeiros poderão utilizar no seu paiz, no cambio da moeda nacional, antes de sahir para França. Deste modo evitar-se-hão os riscos das oscillações do cambio e a exploração de que são victimas os passageiros.

Todo aquêle que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.